



**ANTROPOARTE: UM PROJETO DE EXTENSÃO E A CONSTRUÇÃO DE  
PESQUISAS ETNOGRÁFICAS <sup>1</sup>**

***AntropoArte: an extension project and the construction of  
ethnographic research***

Caterine Reginensi  
Professora Titular

Universidade Estadual do Norte Fluminense, Darcy Ribeiro, Uenf/CCH/LEE, Brasil.

E-mail: [creginensi@gmail.com](mailto:creginensi@gmail.com).

**Áltera**, João Pessoa, v. 2, n. 9, p. 182-200, jul./dez. 2019

ISSN 2447-9837

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi apresentada na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA 2018), de 9 a 12 de dezembro de 2018, em Brasília (DF), no âmbito do GT 54 Políticas, Etnografias e Campos de Extensão Universitária na Antropologia. Agradeço às coordenadoras, Luciana Gonçalves de Carvalho e Luciana de Oliveira Chianca, pelos comentários e incentivos à publicação.

**RESUMO:**

Este trabalho deriva de uma pesquisa anterior (CNPq-PVE) realizada em várias favelas e conjuntos habitacionais na cidade de Campos de Goytacazes, situada na região Norte Fluminense. Focamos a pesquisa de extensão numa favela, chamada Margem da Linha, cujos moradores, em particular um grupo de jovens e suas famílias, vivenciaram períodos de remoção. Entre a experiência da imagem na etnografia e a performance, a pesquisa AntropoArte traz interessantes cruzamentos entre arte, política, processo de urbanização bem como acesso diferenciado à cidade. Este texto propõe uma reflexão crítica sobre a prática da etnografia a partir da experiência de pesquisa extensionista e sua metodologia. Por isso, vamos analisar duas produções realizadas pelo projeto citado: a construção de um mapa falado baseado em encontros, “Caminhando na favela da Margem da Linha”, e um documentário etnográfico que resgata o processo de oficinas de fotografia e a construção de uma performance.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Etnografia. Extensão. Imagens. Práticas da cidade.

**ABSTRACT:**

This work drifts from a first survey (CNPq-PVE) that was held in several favelas and housing complexes in Campos de Goytacazes, a middle city, located in the northern region of Rio de Janeiro. We focused on extension research in a favela, called Margem da Linha whose residents, particularly a group of young people, experienced periods of removal. Between the experience of the image in ethnography and performance, the research AntropoArte brings interesting crosses between art, politics, urbanization process as well as differentiated access to the city. This text proposes a critical reflection on how to practice ethnography based on the experience of extension research and its methodology. Therefore, we will analyze two productions carried out by the cited project: the construction of a spoken map based on meetings, walking in the favela Margem da Linha and an ethnographic documentary that rescues the process of photography workshops and construction of a performance.

**KEYWORDS:**

Ethnography. Extension research. Images. Practices of the city.



## INTRODUÇÃO

A cidade como cenário de oportunidades resume o questionamento inicial de uma pesquisa que desenvolvi como pesquisadora visitante do CNPq<sup>1</sup>, realizada em vários lugares de favelas e conjuntos habitacionais na cidade de Campos dos Goytacazes, cidade média, situada na região norte fluminense<sup>2</sup>. O desdobramento dela é o projeto de extensão AntropoArte e tem como palco uma favela, chamada Margem da Linha, cujos moradores, em particular um grupo de jovens, vivenciaram períodos de remoção.

Este texto propõe uma reflexão crítica sobre a prática da etnografia a partir da experiência de pesquisa extensionista e sua metodologia “a ser inventada em comum”. Por isso, vamos analisar duas produções realizadas pelo projeto citado: a construção de um mapa falado baseado em encontros, “Caminhando na favela da Margem da Linha”, e um documentário etnográfico que resgata os processos de oficinas de fotografia e de construção de uma performance.

## CONTEXTO E PROTAGONISTAS

A origem da favela da Margem da Linha remonta à década de 1960, quando trabalhadores da Usina do Queimado iniciaram a ocupação das margens da linha férrea Rio-Campos em terras pertencentes à referida usina. Após a década de 1990, as terras da Usina do Queimado foram loteadas, dando origem à construção de hipermercados e condomínios residenciais verticais. Destaca-se a implantação do Boulevard Shopping, em 2009, que acelerou o processo de especulação fundiária. Em 2014,

---

<sup>1</sup> Pesquisa visitante CNPq 314049/2013-4, PPGSP/UENF, “A cidade como arena de oportunidades: Etnografia das margens da cidade, estética e partilha política do sensível”.

<sup>2</sup> Campos dos Goytacazes, cidade de meio porte, localizada na região norte fluminense, tem 463.731 habitantes. 418.725 (90,3%) desses habitantes moram em zona urbana e 15.777 moram em favelas. A municipalidade de Campos lançou, em 2009, o programa habitacional Morar Feliz, tendo como meta construir 10 mil casas populares para famílias que vivem em áreas de risco ambiental e/ou vulnerabilidade social. Esse programa foi financiado com recursos provenientes dos *royalties* do petróleo e contemplou, em 2012, 5.426 famílias, que foram distribuídas em 14 conjuntos construídos em 10 bairros periféricos da cidade.



2.196 pessoas residiam na favela da Margem da Linha, quando 312 famílias decidiram mudar para casas do programa habitacional Morar Feliz, implementado pela prefeitura de Campos. As “casinhas”, como os moradores costumam chamar o Morar Feliz, ficam situadas no distrito de Ururaí.

A pesquisa de extensão se alimentou de um conjunto de referências da antropologia urbana e visual e de autores que discutem algumas questões urbanas e/ou performance teatral (COLLIER Jr.; COLLIER, 2007; BARBOSA, 2016; COHEN CRUZ, 2010) mas, sobretudo, contou com a experiência de jovens, participantes do grupo de teatro Oriundo, um trabalho de investigação ainda em andamento.

Para a experiência de que trata este artigo, utilizaram-se dados do campo da pesquisa etnográfica anterior sobre a Margem da Linha; também levou-se em conta a dimensão devolutiva<sup>3</sup> da pesquisa anteriormente realizada como pesquisadora visitante, que permitiu, entre outras experiências, montar uma apresentação com o grupo Oriundo, cuja maioria dos integrantes viveu o processo de mudança/remoção.

Por sua vez, a inserção da equipe de extensão<sup>4</sup> na favela da Margem da Linha se deu através do Centro Juvenil São Pedro<sup>5</sup>, tendo em vista que na experiência anterior já se havia realizado trabalhos com a comunidade a partir desse Centro, de modo que se estabeleceu uma parceria.

Como se verá neste trabalho, a fotografia exerceu um papel central. Fotografias são registros precisos da realidade material, sugere John Collier Jr. e Malcolm Collier (2007). Observando as ruas da cidade, destaca-se a possibilidade de perceber as diferenças apresentadas por cada grupo urbano existente, constituindo assim um mosaico. Essa ideia, oriunda da abordagem ecológica da Escola de Chicago, busca a sistematização de métodos empíricos tendo como cenário as cidades norte-americanas, apresentadas como um amplo e complexo mosaico de posições geográficas

---

<sup>3</sup> Ver a introdução do Dossiê que coordenei sobre as margens da cidade, na revista *Terceiro Milênio*, julho/dezembro de 2015, p. 13-19.

<sup>4</sup> Duas bolsistas graduandas de Ciências Sociais (Gabriela Viana de Lima, Paolla Corrêa Azeredo) e três bolsistas de universidade aberta –uma moradora da própria comunidade e membro do grupo Oriundo (Giovana Gomes Monteiro), uma professora do Centro Juvenil São Pedro (Jovana Patrícia de Hora Barcelos) e um graduando em Arquitetura e Urbanismo (Douglas Moreira Barros).

<sup>5</sup> Instituição não-governamental de assistência social, sem fins lucrativos, vinculada à Rede Salesiana de Ação Social (Resas), mantida pela Inspeção São João Bosco (ISJB), e implementada na favela da Margem da Linha.

e grupos étnicos. Cada “peça” desse mosaico apresenta leis próprias. Por fim, caminhar, descrever e escrever o relato constrói a espinha dorsal da etnografia, para retomar a proposta de Hélio Silva (2009). Combinamos as observações, que captam instantes, pessoas e paisagens, com o registro fotográfico. Conforme Silva (2009), são momentos da etnografia que não podem ser confundidos: o olhar está em movimento, *travelling, travel, viagem*, lembra Silva (2009:175), e a fotografia capta e pára o movimento.

A fotografia, o teatro, a performance e a arte, de maneira geral, permitem, então, refletir sobre a vida social e sobre o cotidiano, funcionando muitas vezes como instrumentos de mobilização para as problemáticas políticas da contemporaneidade (COLLIER Jr.; COLLIER, 2007; BOAL, 1977).

Assim, tanto na pesquisa etnográfica anterior como na pesquisa de extensão, a fotografia foi adotada pelos pesquisadores no trabalho de campo como um dos recursos fundamentais; e permitiu um diálogo, no cotidiano, entre os investigadores e os jovens protagonistas que haviam, na grande maioria, vivido um processo de remoção, e que praticavam teatro (REGINENSI, 2015). As imagens produzidas por eles acabaram, assim, por substituir o caderno de anotações.



**Figuras 1 e 2.** Fotos que falam da Margem da Linha.  
Fonte: Grupo Oriundo, abril de 2017.



**Figura 3.** Ensaio nos trilhos.  
Fonte: Arquivo pessoal de C. Reginensi, maio de 2017.

Os diferentes registros fotográficos se misturaram e “as imagens que fazem falar” (BARBOSA, 2016) da Margem da Linha são recortes de tempo e espaço. Em primeiro lugar, aparecem os três marcadores espaciais e sociais, dos quais vários moradores falavam durante a primeira pesquisa e que foram reapropriados pelos jovens do grupo Oriundo: a linha do trem, as casas/edificações e a vegetação.

Essa experiência do cotidiano foi relatada a partir de cadernos de imagens que falam da rua, da ferrovia, dos muros. O esforço de descrição permite uma narrativa; nesse sentido, o trabalho etnográfico foi construído através de um conjunto de fotografias que alimenta a narrativa.

Por sua performance, os jovens artistas do grupo de teatro Oriundo enfatizam o caráter de uma exposição viva (REGINENSI, 2017), o que é usado para a contemplação (como é feito com uma obra de arte), para a educação científica (à maneira de um museu) e para entretenimento simples (como é o circo, por exemplo). Eles investem nessas várias dimensões de suas vidas cotidianas e estão na interseção entre arte, etnografia e espetáculo; e evidenciam o personagem construído, até mesmo imaginado, nessas exposições.

A paisagem em que esses jovens se encontram, a do seu *habitat* e do seu território vivido (a favela), e o fato de voluntariamente introduzirem elementos da cultura do samba lhes possibilita desempenhar sua performance em qualquer cena e em um *décor* mais ou menos nu. Somente corpos e vozes que falam, cantam ou se calam são expostos na encenação. No entanto, a arte da performance em específico e a arte em geral devem ser pensadas como um tecido dissensual (RANCIERE, 2008, p. 82-84): as situações reveladas na performance convocam a incerteza da realidade.

### **MAIS ALÉM DA PERFORMANCE: A CONSTRUÇÃO DE UM MAPA FALADO<sup>6</sup>**

O mapa falado representa uma atividade do projeto AntropoArte e foi elaborado a partir de encontros com moradores em diferentes pontos da favela. No total foram 26 encontros, entre julho e outubro do ano de 2017, que permitiram a chamada construção de uma *caixa de palavras*. Os indivíduos abordados pelas ruas da favela eram convidados a falar, em algumas palavras ou curtas frases, sobre o lugar onde eles moram e sobre os espaços urbanos mais distantes que frequentam, nas adjacências da comunidade e na cidade de Campos dos Goytacazes. Podiam desenhar, se quisessem, numa folha branca, a favela Margem da Linha, o bairro e/ou a cidade

---

<sup>6</sup> O trabalho, construído por Caterine Reginensi com o bolsista de Universidade Aberta Douglas Moreira Barros, foi publicado nos anais da RAM 2018.



de Campos dos Goytacazes. Na mesma folha, podiam marcar alguns equipamentos e edifícios que achavam importantes no cotidiano dos seus deslocamentos para ir trabalhar, estudar, visitar e comprar.

As entrevistas foram iniciadas durante a tarde de 17 de julho, próximo à Praça da Esperança, com quatro moradores. Durante uma delas, ouvimos uma das frases que marcaria todo o percurso que se sucederia: “a Margem é um morar feliz!”. A afirmação veio de um real defensor da permanência da comunidade, uma liderança, por trás do portão de sua casa, que é face permanente para a observação da rua: “[...] devem existir olhos para a rua, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua.” (JACOBS, 2011, p. 35).

No dia 3 de agosto, iniciamos as entrevistas num ponto um pouco mais adiante em relação à entrada da Margem da Linha, pela BR-101<sup>7</sup>. Perto da linha do trem, pudemos conversar primeiramente com um jovem que cortava o cabelo de outro; e, posteriormente, estabelecemos contato com um grupo de mulheres que estavam sentadas sobre os trilhos.

Foi naquele momento, aliás, que se percebeu uma das fronteiras na comunidade. A linearidade da favela da Margem da Linha constrói, de fato, elementos que podem ser chamados de margens ou considerados às margens da cidade de Campos dos Goytacazes. O trecho mais observado, situado no início da linha (no bairro que todos os moradores que encontramos chamam de Parque São Caetano) e perto do *shopping*, é diferente do trecho final, mais perto das localidades da Tapera e de Uruaí. Os moradores que querem ficar na Margem da Linha são os que estão morando perto de serviços, comércio, escolas... A configuração geográfica da antiga casa, portanto, influencia a escolha de mudar ou de ficar, e pode criar algumas fronteiras de diferenciação entre os moradores da Margem da Linha, como a diferença entre o Parque São Caetano, e o bairro da Tapera. Essa constatação faz pensar em como uma via expressa pode criar novos padrões e reorganizar concepções predecessoras. Um caso similar aconteceu no Catumbi, que antes se voltava para Santa Teresa e, posteriormente, foi aproximado ao então renegado Morro do Catumbi (VOGEL; MELLO;

---

<sup>7</sup> Oficialmente denominada Rodovia Governador Mário Covas, a BR-101 conecta Touros, no Rio Grande do Sul a São José do Norte, no Rio Grande do Norte, passando por doze estados brasileiros. No trecho onde atravessa Campos dos Goytacazes, recebe o nome de Rio-Vitória.



MELLICA, 2017, p. 59-64).

De todo modo, com relação à atividade inicialmente proposta nas entrevistas, percebemos que na maioria das vezes o trabalho de campo terminou por gerar um certo desconforto nos entrevistados, que se negavam a produzir os desenhos por vergonha de como ficariam. Isso acontecia mesmo quando eram informados de que não era preciso saber desenhar.

Depois do trabalho realizado com os moradores, foi hora de voltarmos para o grupo Oriundo, no Centro Juvenil São Pedro. Com o grupo, realizamos uma aproximação semelhante: todos que se encontravam na biblioteca foram divididos em duas mesas grandes e forneceram respostas individuais àquelas questões, expressando assim o sentimento coletivo.

Escolhemos como metodologia distribuir papéis autocolantes para cada um dos jovens. O mesmo recurso havia sido usado com os adultos, que, por vezes, se envergonhavam devido à dificuldade para escrever ou por simplesmente não saberem escrever. Já o mapa falado foi feito a partir da associação dos lugares mais vezes citados pelos moradores da comunidade e pelos membros do Oriundo (de forma individual), bem como uma representação da influência daquilo para a existência do grupo como um todo. Esses lugares são os elementos da cidade que unem os membros, que permitem sua existência e permanência.

Com ânimos bem aflorados, foi concluída a oficina individual, sendo requerido que os entrevistados em conjunto escolhessem respostas para as mesmas perguntas, mas agora como um grupo, tais como: quais os locais importantes na cidade para o grupo Oriundo, como um todo? O que o grupo pensa da cidade? Nesse dia, a dinâmica contou com oito participantes.





**Figuras 4 e 5.** Entrevistados desenhando.

Fonte: Arquivo pessoal de Douglas Moreira Barros. Outubro de 2017.

No mapa, é possível perceber determinadas correlações entre palavras, o sensível e o espaço. O sensível se une numa percepção coletiva partilhada<sup>8</sup> e coletada em uma via de mão dupla, mas que, ao mesmo tempo, abre margem para sentimentos individuais (RANCIÈRE, 2005, p. 15-16) e vivências únicas dentro de um território complexo. Através do mapa constatamos como os moradores percebem a cidade: nele, é visível a construção dos usos a partir de cada um dos grupos que contribuíram para a pesquisa.

<sup>8</sup> A “constituição estética” se relaciona à partilha do sensível que dá forma à comunidade. Partilha significa duas coisas: a participação em um conjunto comum e, inversamente, a separação, a distribuição em quinhões. Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como se determina no sensível a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas (RANCIÈRE, 2005, p. 7).

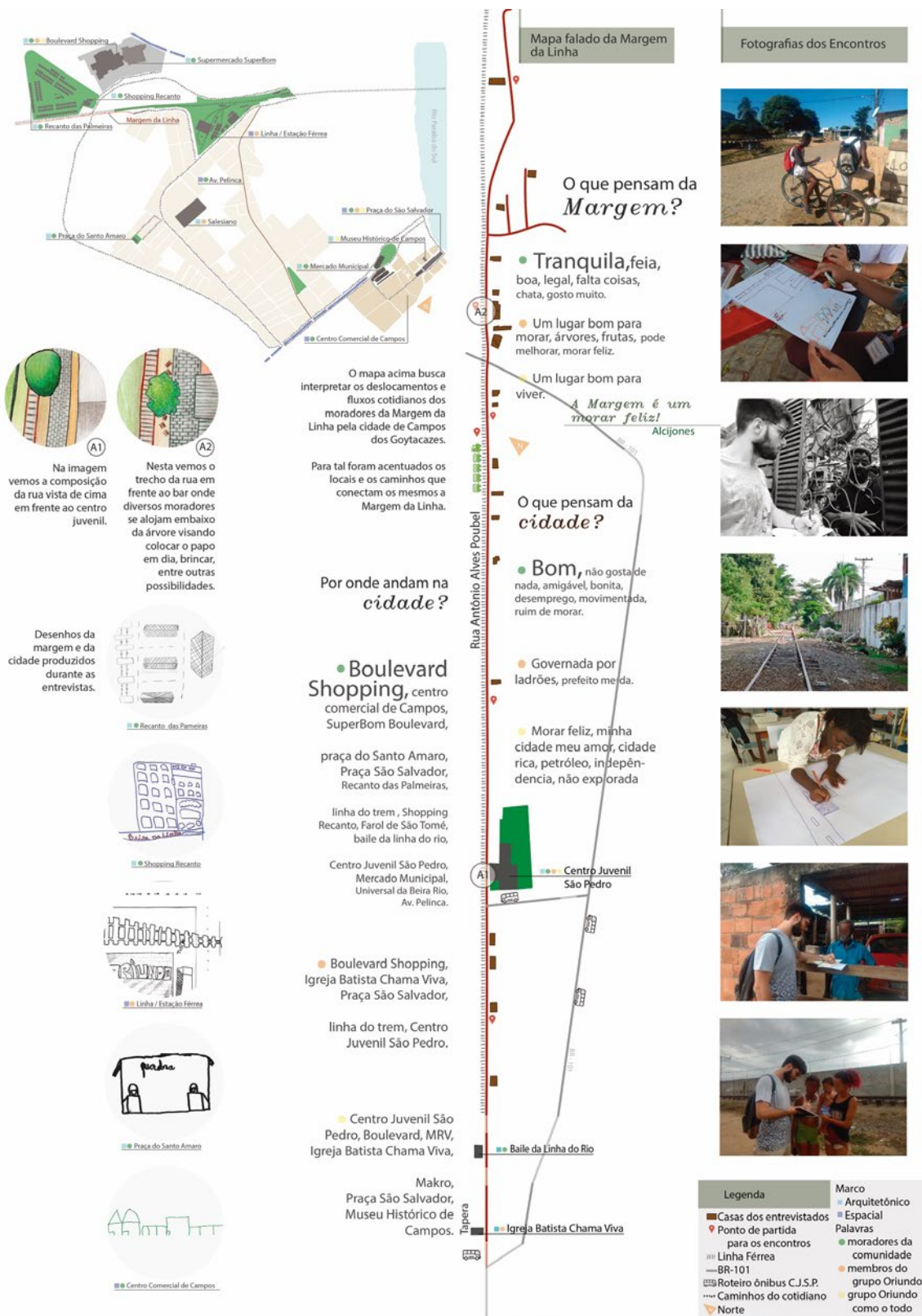


Figura 6. Mapa falado.  
Fonte: Arquivo pessoal de Douglas Moreira Barros.

## **UM DOCUMENTÁRIO ETNOGRÁFICO E AS ETAPAS DE SUA CONSTRUÇÃO, O INÍCIO DE UM PROCESSO COLABORATIVO COM OS JOVENS**

*Uma cronologia – 2015/2016*

A partir de janeiro de 2015, comecei a frequentar regularmente a favela da Margem da Linha. O olhar em movimento, como uma viagem, permitiu encontros, bate-papos, percursos e entrevistas, criando uma experiência a ser compartilhada. A fotografia, por sua vez, capta as pessoas, as paisagens, a rua, os aceiros, as casas, as marcas e os rastros.

Todas as intervenções planejadas pelo poder público e, em particular, pela Prefeitura, na cidade de Campos dos Goytacazes provocam transformações profundas na vida dos sujeitos. A convite do Centro Juvenil São Pedro, conheci a favela da Margem da Linha e, com ela, a situação das remoções, que afetaram os moradores do local. Descobri que a condição de mudança na qual se envolviam os moradores era muito complexa e decidi prestar atenção também a outros locais<sup>9</sup>.

A organização dos dados recolhidos a partir de janeiro de 2015, na favela da Margem da Linha, as observações repetidas e o registro de fotos permitiram discutir diferentes temáticas: os muros que cercam a comunidade e criam fronteiras internas, as casas e a rua, a vizinhança. A experiência do cotidiano durante a pesquisa como visitante foi relatada a partir de cadernos de imagens que falavam justamente da rua, da ferrovia, dos muros.

Ouvi de alguns moradores suas histórias de vida e com eles aprendi a construir não apenas a etnografia, mas questões que formaram a base da pesquisa de extensão e, mais tarde, o roteiro do documentário. O interesse em abordar as trajetórias de vida dos moradores captados no seu cotidiano e, por isso, “fazer variar o método”, foi essencial para construir uma etnografia que seja também um processo de documentação visual das realidades observadas.

Destaco ainda a importância de restituir o trabalho de pesquisa aos moradores<sup>10</sup> de forma a ser pensado um espaço/tempo, durante a pesquisa, que deixasse

---

<sup>9</sup> As primeiras observações foram realizadas, durante dois meses, nas favelas Lapa/Parque Califórnia e no conjunto habitacional Portelinha e no Novo Jockey, casas do programa Morar Feliz.

<sup>10</sup> Esse trabalho de devolução foi particularmente bem-sucedido com a participação do fotógra-



surgir as expressões de morar e atuar nas margens urbanas. Vale ressaltar o trabalho da professora Antenora Siqueira (2015) problematizando as expressões artísticas urbanas à margem da cidade. Seu texto reflete sobre diferentes linguagens e expressividades que legitimam o pertencimento a um lugar de moradia, ao longo do tempo, e promovem projetos culturais que expressam estilos de vida urbanos. A favela constrói espaços de resistência aos preconceitos diversos que continuam a existir: um favelado é um ser estigmatizado, e assim emerge a figura do bandido. O território da favela, como um espaço da invisibilidade, não figura na cartografia da cidade ou, se aparece, se torna uma área de riscos que deve ser destruída. Mudar a imagem negativa persistente é o objetivo de ativistas que poderiam ser chamados, em referência a Gramsci (1978), de *intelectuais das margens*.

## **A PESQUISA ANTROPOARTE (2017-2018)**

Foram realizadas diversas oficinas no Centro Juvenil, em 2016, com os temas: água e urbanização; grafite; e trajetos do cotidiano; além de uma performance, chamada *Poisson* (Peixe). Essas atividades formaram a base da construção da pesquisa de extensão AntropoArte, iniciada em abril de 2017.

O projeto de extensão universitária AntropoArte na Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF)<sup>11</sup> tem por objetivo contribuir para uma reflexão sobre a qualidade dos espaços de uso coletivo da cidade contemporânea. A metodologia é inventada em comum, prevendo pesquisa em arte e antropologia, com o auxílio da fotografia, do cinema, da cartografia e da performance.

Para a atividade de oficinas de fotografia, nos inspiramos no trabalho de *setting* etnográfico, no sentido que Andrea Barbosa (2016, p. 193) explicita a partir da realização de oficinas de fotografias com jovens moradores de um bairro periférico

---

fo Vincent Rosenblatt, que conseguiu criar uma cenografia apropriada ao contexto de remoção e de produção sociocultural na Margem da Linha (REGINENSI, 2015). O fotógrafo profissional Vincent Rosenblatt, francês estabelecido no Rio, tem registrado bailes funk desde 2005: <<https://vincentrosenblatt.photoshelter.com>>.

<sup>11</sup> Ressalto que me concursei em dezembro de 2015, integrando o corpo docente da UENF em agosto de 2016.



de Guarulhos, o Bairro dos Pimentas.<sup>12</sup>

Igualmente influenciada por Jean Rouch<sup>13</sup>, antropólogo-cineasta, no momento de pensar a produção do documentário percebi a relevância de produzi-lo com os jovens de Oriundo. Essa antropologia compartilhada foi nossa guia, sem perder de vista o contexto da pesquisa, suas limitações e dificuldades<sup>14</sup>.

Dois momentos dessa construção serão apresentados: o roteiro e a escolha de um título; e o processo de edição. Em dezembro de 2017, realizamos uma oficina de roteiro na qual todos os participantes (bolsistas, professores e jovens do grupo Oriundo) se familiarizaram com a noção de roteiro como peça fundamental para a direção de uma obra audiovisual. Assistimos à projeção do filme *Pimentas nos olhos*<sup>15</sup>, realizado pelo LISA - Laboratório de Imagem e Som em Antropologia e pelo Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas da Unifesp. Enquanto isso, os bolsistas de ciências sociais do projeto começaram a leitura do trabalho de Bill Nichols (2005) para a introdução ao documentário, ou seja, para definir se seria realizado um documentário em primeira pessoa ou performático.

Não foi possível pensar em conjunto todas as situações a serem filmadas. Decidimos selecionar imagens feitas pelos jovens e por mim, somadas a mais alguns filmes (registros das performances realizadas em duas apresentações distintas: nos trilhos e no palco do centro de convenções da UENF). Dentre dez propostas apresentadas de títulos para o filme, os jovens do grupo Oriundo escolheram *Margem da Linha, o meu lugar*. O documentário foi pensado como etnografia a partir de dois olhares que se cruzam: um olhar estrangeiro (o meu, antropóloga com sotaque, parafraseando Claudia Fonseca, 2009) e o olhar dos jovens que moram na Margem ou na Tapera.

---

<sup>12</sup> Deve ser indicado que nossa pesquisa tem duração de um ano e dificilmente pode ser comparada à pesquisa da Andrea Barbosa, que organizou as oficinas durante quatro anos. Nosso desafio era de elaborar o olhar e construir narrativas por meio da fotografia, mas deixar uma expressão importante: a realização da performance.

<sup>13</sup> Foram indicados filmes do cineasta/antropólogo tais como *Eu, um negro*. (1958). Disponível em: <<https://youtu.be/zgOIXRZVsOA>>. Acesso: nov. 2017. Legendado em português.

<sup>14</sup> Conseguimos trabalhar de uma até duas horas por semana com o grupo Oriundo, nas tardes de quarta-feira. Oito entre doze dos jovens participantes moram a uma boa distância da Margem da Linha, nas casinhas de Tapera 3, e precisam pegar um transporte depois da atividade de teatro.

<sup>15</sup> Disponível em: <<https://vimeo.com/lisausp/pimentasnosolhos>>.





Figura 7. Oficina de roteiro, a escolha de um título. Dezembro de 2017.  
Fonte: Acervo C. Reginensi.

A dificuldade maior foi capacitar uma bolsista do projeto para editar o documentário. A Universidade e o Centro de Ciência Humanas não têm condições para contemplar os projetos de extensão que trabalham com imagens e cinema. Foi necessário achar um parceiro (prestador de serviço) exterior para finalizar o documentário no prazo de seis meses.

Em agosto de 2018, o documentário *Margem da Linha, o meu lugar* foi instalado na plataforma *Vídeo* em duas versões, uma em português sem legendas e outra com legendas em inglês.<sup>16</sup>

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de extensão é uma aventura humana, com momentos intensos a serem compartilhados. Nosso objetivo era revelar o potencial que as metodologias visuais detêm, tanto no momento de recolher as informações, como no desenvolvimento de um trabalho interdisciplinar e na construção de um processo de intervenções urbanas (MENEZES, 2011, p. 3). Assim, ao longo da pesquisa de extensão, se construiu um diálogo muito enriquecedor entre antropologia, arquitetura, urbanismo e arte, provocando, às vezes, alguns curtos-circuitos entre os membros da equipe. Mediante as questões expostas e a análise, fruto de uma coalizão de ciências, foi possível fazer um estudo multifacetado da etnografia e da cartografia da Margem da Linha, unidas à expressividade artística da performance.

Quanto à produção do documentário com os jovens, vale ressaltar, conforme Rosa Satiko e Carolina Caffé (2013, p. 357), que:

A produção visual e etnográfica trabalha com atores sociais e não profissionais, e tem como cenário o ambiente imprevisível e arriscado da própria vida. Trata-se, portanto, de um processo fundamentado na incerteza, na imprecisão, na resistência e no resíduo. O resultado de um trabalho desta natureza pode muitas vezes ser considerado impróprio para a apresentação ao grande público, para os veículos tradicionais de comunicação em massa como o rádio, o cinema e a televisão, ou mesmo para fins didáticos, pois o resultado obedece a um tempo e um objetivo investigado que muitas vezes não correspondem às técnicas de comunicação de massa, da arte e da educação.

Depois de um ano de pesquisa de extensão, começamos a perceber como é grande o desafio, principalmente no que se refere às possibilidades de produzir em comum e de compartilhar conhecimentos e conteúdos de pesquisa com os atores/protagonistas que interagem com os alunos e cientistas sociais. A busca de *agencia-*

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://vimeo.com/281308664>>. Senha de acesso: omeulugar.



mentos (DELEUZE; GUATTARI, 1980) traz permanentemente um repertório de questões: o que é escrever? O que fotografar e filmar com a experiência do outro? Não existem fórmulas nem respostas definitivas a partir dessa experiência curta, incompleta, insuficiente. O mais importante é a relação que se estabelece entre diferentes vozes que contam histórias.



## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Andrea. Fotografia, narrativa e experiência. In: BARBOSA A. et al. **Experiência da imagem na etnografia**. São Paulo: Terceiro Mundo, 2016.
- BOAL, Augusto. **O teatro do oprimido**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
- COLLIER, John Jr.; COLLIER, Malcolm. **Visual Anthropology: Photography and research Method**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mille plateaux: capitalisme et schizophrénie**. Paris: Les Editions de Minuit, 1980.
- FONSECA, Cláudia. Trajetória de uma antropóloga com sotaque: entrevista com Cláudia Fonseca. **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 331-352, dec. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010471832009000200014&lng=en&nrmiso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832009000200014&lng=en&nrmiso)>. Acesso em: abr. 2018.
- GRAMSCI, Antônio. **Carnets de prison**. Paris: Gallimard, 1978.
- SATIKO, Rosa H.; CAFFÉ, Carolina. Filme como etnografia compartilhada: em campo, na ilha, no ar. In: DAWSEY, J. et al. **Antropologia e performance. Ensaios na pedra**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2013, p. 339-360.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- MENEZES, Marlucci. Das metodologias visuais a uma perspectiva interdisciplinar de abordagem das práticas sociais. **XV Congresso Brasileiro de Sociologia** – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil, 2011. Disponível em: <<https://www.researchgate.net/publication/317742672>> Acesso em: set. 2018.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus Editora, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. **A Partilha do Sensível: Estética e Política**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. **Le spectateur émancipé**. Paris: La Fabrique, 2008.
- REGINENSI, Caterine. Etnografia das margens da cidade: A Margem da Linha em Campos dos Goytacazes. **Terceiro Milênio, Revista Crítica de Sociologia e Política**, 3 (2), 2015. 19-41 p.
- REGINENSI, Caterine. Não tem mais trem, mas tem ferrovia!: imagens e performance como etnografia de um lugar chamado a Margem da Linha, Campos dos Goytacazes, Norte Fluminense. GT N° 69: Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas. **Libro de Actas. XII Reunión de Antropología del Mercosur** – Del 4 al 7 de diciembre de 2017. RAM 2017, Posadas, Misiones, Argentina, dez. 2017. 9525-9541 p.
- REGINENSI, C., BARROS, D. M. A experiência da imagem nos estudos etnográficos: aprendendo pela caminhada, fotografando e fazendo encontros. Anais **18th IUAES World Congress**, July 16th to 20th 2018 Federal University of Santa Catarina (Univer-



cidade Federal de Santa Catarina – UFSC), Florianópolis. ISBN 978-85-62946-96-7, pp.1014-1033

SILVA, H. R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, v. 15, n. 32, p. 171–188, 2009.

SIQUEIRA, Antenora M. Da Matta. A produção nas margens: a capoeira como processo de resistência, luta e arte. **Terceiro Milênio, Revista Crítica de Sociologia e Política**, vol. 3, n. 2, 2015, p. 145-160.

VOGEL, Arno.; MELLO DA SILVA, Marco Antônio; MELLICA, Orlando. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. 4 ed. Rio de Janeiro: Eduff, 2017.

Recebido em: 07/02/2019.

Aceito para publicação em: 19/08/2019.

